

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

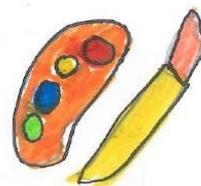
JANA CAMPOS (JANAINA MIRANDA DE CAMPOS)



UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: REDESCOBRINDO ARTISTAS BRASILEIRAS

ARTISTAS

BRASILEIRAS



JANA CAMPOS (JANAINA MIRANDA DE CAMPOS)

Belo Horizonte

2019

UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: REDESCOBRINDO ARTISTAS BRASILEIRAS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação, Diversidade e Intersetorialidade do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título em Especialista em Educação.

Orientador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Belo Horizonte

2019

C198e
TCC

Campos, Janaina Miranda de, 1986-

Um estudo sobre as práticas artísticas na educação infantil [manuscrito] : redescobrimo artistas brasileiras / Janaina Miranda de Campos. - Belo Horizonte, 2019.

63 f., il.

Inclui bibliografia e anexos.

Trabalho de Conclusão de Curso -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

1. Artes visuais - História. 2. Educação infantil. 3. Mulheres artistas. 4. Arte - História. 5. Ensino.

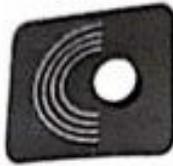
I. Nogueira, Paulo Henrique de Queiroz. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. III. Título.

CDD - 707

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivaney Duarte. CRB6 2409

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica¹.)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO TRIGÉSIMO SEXTO TRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Um estudo sobre práticas artísticas na Educação Infantil: Redescobrimo Artistas Brasileiras”, do(a) aluno(a) **Janaina Miranda de Campos**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Paulo Henrique Queiroz Nogueira (orientador) e Márcia Dárquia Nogueira da Silva. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho Aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Janaina Miranda de Campos
Janaina Miranda de Campos
Paulo Henrique Queiroz Nogueira
Paulo Henrique Queiroz Nogueira
Professor(a) Orientador(a)

Registro na UFMG: 2018750768

Márcia Dárquia Nogueira da Silva
Márcia Dárquia Nogueira da Silva
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Dedico este trabalho a todas as mulheres da Escola Municipal de Educação Infantil Henfil e a todas as amigas e amigos do curso LASEB, em especial a Maria Laura de Abreu Rosa que, carinhosamente, tornou minha caminhada pela vida mais leve.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador Paulo Henrique de Queiroz Nogueira pelo incentivo, simpatia e presteza no auxílio das atividades e discussões sobre o andamento e normatização desta pesquisa.

Aos idealizadores, coordenadores e funcionários do Curso de Educação, Diversidade e Intersetorialidade do LASEB, da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Minas Gerais. A todos os professores pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso.

Aos colegas de classe pela espontaneidade e alegria na troca de informações e materiais, numa rara demonstração de amizade e solidariedade.

A minha família por serem meu norte, pela paciência e pelo incentivo, não me deixando desistir. Ao meu companheiro, amigo, amado João Brumano que, em tão pouco tempo, se tornou minha luz e minha paz. Aos meus gatos que sempre me encheram de boas vibrações, não me deixando desanimar em nenhum momento dessa caminhada.

A Escola Municipal de Educação Infantil Henfil que acolheu minha pesquisa de braços abertos e a fez tornar-se nossa. Todas essas mulheres fortes fizeram com que meu percurso pelo curso fosse suave, alegre e cheio de descobertas. Em especial, a equipe da Arte: Carol, Licinha e Rose que abraçaram o Projeto “Artistas Brasileiras” e o tornou possível.

As amigas Marcela Moreira Géa e Maria Clara Ducca que não só me apoiaram no curso “Educação, Diversidade e Intersetorialidade” como também me apoiaram na vida. Vocês são de extrema importância para que eu siga vibrando paz, luz, cor e amor.

E, finalmente, ao Universo pela oportunidade e pelo privilégio que me foram dados em compartilhar tamanha experiência e, ao frequentar este curso, perceber e atentar para a relevância de temas que não faziam parte, em profundidade, de minha vida.

A todas e todos, minha gratidão.

“Uma sociedade só é desenvolvida
quando é artisticamente desenvolvida”.

Ana Mae Barbosa

RESUMO

Considerando-se as Artes Visuais produzidas por mulheres artistas como elemento da cultura e de extrema importância para a educação e formação do ser humano, a proposta desta pesquisa/intervenção aponta a seguinte questão-problema: é possível reestruturar a História da Arte através da ressignificação da participação de mulheres artistas em sua inserção na produção artística? Existem possibilidades de romper com a simplificação do Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil? Este trabalho se justifica a partir do pressuposto de que o ensino de A arte é considerado secundário e pouco importante na formação do ser humano diante de outras áreas do conhecimento escolar relegando muitas vezes, a disciplina a práticas vazias e improdutivas. O estudo tem por objetivos analisar e intervir no Ensino de Artes Visuais em uma instituição da Rede Pública de Educação Infantil; mostrar as implicações a partir da adoção de novas técnicas na disciplina; relatar os desafios encontrados e confrontar a prática apontada pela pesquisa de campo com a teoria estudada na pesquisa bibliográfica. A metodologia consiste em uma pesquisa qualitativa exploratória através de um trabalho de campo, que utiliza observações informais e registros fotográficos. Em síntese, conclui-se que a mudança de postura através do emprego de novos métodos de ensino/aprendizagem resulta no interesse e melhor compreensão da arte pelas crianças.

Palavras-chave: Artes Visuais. Educação Infantil. Ensino. Mulheres. História.

Sumário

1. Introdução.....	12
1.1. Apresentação Pessoal.....	12
1.2.A escolha do tema.....	15
2.O Ensino das Artes Visuais e a Educação Infantil.....	18
2.1.Contexto da Educação Infantil no Brasil.....	21
2.2.A criança e o Ensino das Artes Visuais na Educação Infantil.....	23
3.A mulher no mundo. A mulher nas Artes Visuais.....	26
4.Relatando nossos estudos.....	29
4.1.4.1 Março e Abril – Tarsila do Amaral.....	29
4.2 Maio e Junho – Anita Malfatti.....	39
4.2.Julho e Agosto – Beatriz Milhazes e Preparação de Materiais para o Vernissage.....	46
4.3 Setembro – Vernissage: Artistas Brasileiras.....	50
4.4 Mais do projeto “Artistas Brasileiras”.....	53
5. Considerações Finais.....	55
6.Referências.....	56
7.Anexos.....	57

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Releitura da obra "Operários" da artista Tarsila do Amaral.....	31
Figura 2: Releitura da obra "A Cuca" da artista Tarsila do Amaral.....	33
Figura 3: Confeccionando mascotes.....	34
Figura 4: Mascote Tucano.....	34
Figura 5: Mascote Cuca.....	34
Figura 6: Mascote Sapo.....	35
Figura 7: Mascote Lagarta.....	35
Figura 8: Obra "Abaporu" da artista Tarsila do Amaral.....	37
Figura 9: Registro da atividade "Abaporu tem um pezão. Eu também!".....	37
Figura 10: Teatro "Papagaio Juvenil".....	38
Figura 11: Piquenique após teatro "Papagaio Juvenil".....	38
Figura 12>Registro da atividade "Inspirando-nos na natureza da obra".....	41
Figura 13: Registro da atividade "Frottage com folha de árvore".....	42
Figura 14: Registro da atividade "Recriando a obra".....	42
Figura 15: Registro da atividade "Aquarela do Brasil. Meu Brasil, brasileiro" ..	43
Figura 16: Registro da atividade "Meu pandeiro".....	44
Figura 17: Registro da atividade "Trabalhando as expressões faciais".....	45
Figura 18: Construindo as bonecas da atividade "Representação da mulher na obra".....	45
Figura 19: Roda de samba da obra "Samba" da artista Anita Malfatti.....	46
Figura 20: Registro da atividade "Reconhecendo Beatriz Milhazes".....	47
Figura 21: Registro da atividade "Utilizando tecidos para representar as ideias da artista".....	48
Figura 22: Registro da atividade "Utilizando tinta de terra e tinta guache: pensando sobre as cores da natureza".....	48
Figura 23: Experimentando materiais diversos.....	49
Figura 24: Experimentando materiais diversos.....	49
Figura 25: Coquetel oferecido no Vernissage 2019 - Artistas Brasileiras.....	51
Figura 26: Galeria de exposição "Tarsila do Amaral".....	51
Figura 27: Galeria de exposição "Anita Malfatti".....	52
Figura 28: Galeria de exposição "Anita Malfatti".....	52

<u>Figura 29: Galeria de exposição "Tarsila do Amaral"</u>	<u>52</u>
<u>Figura 30: Recebendo nossa premiação "Honra ao Mérito Pedagógico"</u>	<u>53</u>
<u>Figura 31: Exposição "Artistas Brasileiras" na Câmara Municipal de Belo Horizonte.....</u>	<u>54</u>
<u>Figura 32: Exposição "Artistas Brasileiras" na Câmara Municipal de Belo Horizonte.....</u>	<u>54</u>

1. Introdução

1.1. Apresentação Pessoal

Meu nome é Jana, sou graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Ao ingressar neste curso, não me sentia parte dele, tampouco tinha tanto interesse em cursá-lo.

Somente ao final do curso, quando os componentes curriculares dedicavam-se as discussões da Educação Infantil, é que passei a me interessar pelo curso. E, apesar desta graduação ser ofertada em 8 períodos, fiz um período a mais para poder cursar esses conteúdos que muito me interessavam. Principalmente ao estudar sobre como a arte e a Educação Infantil caminham juntas e como esses dois âmbitos se tornaram estratégicos para minha formação profissional. Após a conclusão do curso, fui aprovada no concurso de Professora para a Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, em 2011, onde permaneço até a presente data.

Esse relato se torna importante posto que essa afinidade entre as artes e a Educação Infantil potencializa minha inserção na escola municipal e meu projeto de intervenção no Curso de Especialização Lato Sensu em Educação Básica/LASEB.

Assim, ao iniciar esse trabalho como professora de Educação Infantil em uma escola da cidade de Belo Horizonte, a Escola Municipal de Educação Infantil Henfil, localizada na rua Boaventura, número 756, Bairro Indaiá, percebi a importância de explorar a forma com que o trabalho de Artes Visuais era conduzido na escola em que atuo. Então, propus o trabalho de intervenção iniciado a partir da área de conhecimento Educação, Diversidade e Intersetorialidade do LASEB. Tal empreitada detectou uma lacuna no ensino de Artes Visuais ofertado, impulsionando-me a repensar formas de ensino que proporcionassem, de maneira lúdica e significativa à criança, o conhecimento desta linguagem.

A própria essência da arte é a verdade (...). Devemos assim instruir nossos colegas, de forma que eles também venham a entender e acompanhar, qualquer que seja a sua disciplina. O mundo precisa de uma avaliação perceptiva dos objetivos e resultados da arte. Os critérios básicos precisam ser sólidos. (BARBOSA, 2019, p. 200).

A arte é uma linguagem especial. É utilizada para que o ser humano possa mergulhar dentro de si mesmo, trazendo à tona emoções do próprio ser. A criança trabalha com as mãos, aprendendo e apreendendo o mundo. Ela manipula, modifica, constrói, observa, sobretudo, cria. Através das atividades lúdicas, a criança consegue se expressar. Para tanto, se torna necessário mostrar-lhe alternativas, perspectivas, técnicas e concepções: a arte como coautora da nossa sociedade – ampliando, assim, sua visão de possibilidades, na experiência entre o real e o imaginário, do comparativo e do demonstrativo da realidade humana.

O ensino das Artes Visuais na Educação Infantil é de extrema importância para o desenvolvimento da criança. Através da arte ela se expressa, comunica, cria, aprende e, principalmente, se desenvolve. A criança, mesmo antes de aprender a ler e a escrever, reage positivamente aos estímulos artísticos, pois ela é criadora em potencial. Nessa fase, as atividades de artes oferecem ricas oportunidades para seu desenvolvimento.

Aliado a essa percepção, há também a compreensão de que artistas mulheres são conhecidas em muito menor número que artistas homens.

Por mais que as mulheres sempre tenham participado da produção artística, o conhecimento popular e acadêmico sobre elas ainda é limitado e cercado de preconceitos. A ausência das mulheres na história da arte não é resultado do acaso, e sim de longos processos de discriminação e exclusão. Durante séculos, a autonomia para pensar e criar foi considerada um atributo masculino. As mulheres eram educadas para serem mães e esposas submissas. A mulher podia ser tema da arte, mas não criadora. Quando podia criar, era considerada amadora, e não profissional. Mesmo quando reconhecida, com frequência o destaque era dado a uma figura masculina, e não à artista. (LEMOS, 2018, p.01)

Esse fato por si só já se mostra bastante estimulador para a realização do trabalho que me proponho a desenvolver. Conhecer mulheres artistas, seu trabalho, sua técnica e um pouco de sua vida. Aprender com elas, apreciar sua obra e tentar, por meio de releituras e criações, expressar também pensamentos e sentimentos.

Vale trazer aqui o fato de que também sou artista. Tenho uma marca chamada “Achei na Mala Ilustrações” em que realizo ilustrações relacionadas a coisas do meu dia a dia. Dar a oportunidade para que esses sujeitos em construção, no caso, as crianças da escola, possam conhecer sobre artistas

que também me inspiraram desde o início de meu trabalho como ilustradora e até mesmo antes dele, permite-me acreditar que, pela arte de mulheres artistas, é possível termos uma sensibilização dessas crianças que são sujeitos transformadores.

Compreendi que, no campo da arte, a divulgação de trabalhos produzidos por mulheres é pouco visível e acentuadamente diferente da ampla divulgação de trabalhos produzidos por homens.

Entendi, logo de saída, o quanto se faz necessária a realização de pesquisas com as crianças que tenham como foco a arte produzida por mulheres.

Essa ponte entre a escola, as Artes Visuais e a presença de mulheres nesse âmbito de produção do conhecimento é essencial para tornar a escola um espaço de vivência e aprendizagem, um espaço de acolhida e de experiências significativas para as crianças.

Pois, como nos diz Barbosa:

A escola não pode ser uma preparação para a vida, mas sim a própria vida. A função da escola passa a ser a de propiciar uma reconstrução permanente da experiência e da aprendizagem dentro da vida de cada um, tendo como eixo norteador da educação a vida- experiência e aprendizagem. A educação teria uma função democratizadora de igualar tanto os direitos como as oportunidades dos cidadãos. (BARBOSA, 2019, p. 50).

Trabalho em uma escola em que a predominância de profissionais é do sexo feminino e recebemos crianças que claramente chegam com ideias pautadas numa educação que vê o homem, o sexo masculino, como o poder, como “os donos do mundo”.

A ideia é também partilhada por muitas professoras que, em seu dia-a-dia, também reproduzem essas ideias. Mas, aos poucos, já se indagam sobre a posição da mulher e a concepção propagada do homem, seus trabalhos e de suas capacidades como “superiores”.

Essa realidade e situação provocaram em mim o desejo de criar possibilidades de apresentar às crianças experiências e conhecimentos capazes de despertar-lhes outra visão sobre o mundo. Em que os feitos masculinos, as obras e o “poder” poderiam muito facilmente ser divididos com

as mulheres, com o sexo feminino, pois já assim acontece, basta um descortinamento, um desvelamento.

Para realizar tal empreitada, propus à equipe de arte da escola que realizássemos um trabalho de pesquisa e prática com as crianças no ano de 2019. Uma ação que valorizasse a figura da mulher, do feminino pela arte feita por grandes mulheres artistas.

Com a aprovação da equipe de Arte e de todos os profissionais da escola, realizamos uma seleção de artistas com as quais seria pertinente trabalharmos com nossas crianças. Optamos por artistas brasileiras, uma vez que sentimos a necessidade em valorizarmos não só a arte da mulher como também a arte da mulher brasileira.

A opção do trabalho com arte se deve também à compreensão de que essa área do conhecimento humano permite, talvez mais que qualquer outra, a experiência pelo prazer de produzir, revelar e conhecer o desenvolvimento da sensibilidade. Há as cores, as formas, os diversos suportes, a liberdade de criar, inventar ou reler. “Todo o desenvolvimento da criança deve ter, como ponto de partida, a experimentação e a sensibilização. O que a criança é, o que sente e sabe, ela aprende através dos sentidos e dos contatos diretos.” (Stabile, 1998, p. 158). Assim sendo, nada melhor que começar a desenvolver os sentidos e a criatividade, criando e se relacionando com artistas que muito bem se expressaram e criaram sua própria história por meio da arte.

1.2. A escolha do tema

Com o passar dos anos de docência na escola em que trabalho, meu olhar em relação à arte e às necessidades da escola e demandas das crianças com as quais atuo foi se ampliando. Em 2018, com minha entrada no LASEB, estudos e discussões realizadas, tomei conhecimento e me conscientizei das lutas das mulheres ao longo da história para conquistar e manter direitos.

Para começar, gosto das mulheres. Acho que elas são mais fortes, mais sensíveis e que têm mais bom senso que os homens. Nem todas as mulheres do mundo são assim, mas digamos que é mais fácil encontrar qualidades humanas nelas do que no gênero masculino. Todos os poderes políticos, econômicos, militares são assuntos de homens. Durante séculos, a mulher teve de pedir autorização ao seu marido ou a seu pai para fazer o que fosse. Como

é que podemos viver assim tanto tempo condenando metade da humanidade à subordinação e à humilhação? (SARAMAGO, 2017 in BARBOSA, 2019, p. 420).

Na arte, não foi diferente. A mulher, por muito tempo, foi invisibilizada e considerada insignificante para a sociedade. Em nossa memória histórica, há uma lacuna no que se refere às produções artísticas de muitas mulheres. Em alguns casos, sua arte era assinada por homens, em outros, nem eram reconhecidas como arte. Em qualquer manifestação artística, havia-se um abafamento do que era criado por mulheres e, nas Artes Visuais, isso era ainda mais forte. Pensando nisso, acredito que temos a obrigação social de lutar pela visibilidade da produção artística de alta qualidade de outras mulheres.

Nas Artes Visuais, a ocultação feminina pela História é mais acentuada que no Teatro, na Dança e na Música, uma vez que nessas áreas as mulheres se destacavam como intérpretes, e mulheres se tornaram grandes musas reverenciadas historicamente. A função de intérprete em Artes Visuais no senso comum se resume a reprodução, desprezada por se opor à genialidade, conceito associado à criação de natureza masculina desde os tempos romanos. (BARBOSA, 2019, p. 427)

A escolha por artistas brasileiras que fazem parte da história da luta da mulher para ganhar espaço na arte foi realizada com cuidado e atenção. Havia o desejo de apresentar às crianças mulheres artistas que conquistaram seu espaço nesse campo, o campo da arte no qual os homens predominavam. Outra pretensão foi mostrar às crianças a trajetória de luta contra a violência social, institucional e até mesmo física que as artistas elencadas como objeto de estudo sofreram. Reescrever a História da Arte em um movimento que recupere a contribuição feminina, que foi praticamente eliminada dos registros e, assim, tentar mudar o que já estava posto.

Quando pensamos no projeto a ser trabalhado, tínhamos em mente não só resgatar o papel transformador das mulheres na História da Arte como também, se possível, diminuir o fato de que praticamente não existem pesquisas sobre o assunto, estimulando mais outros a escreverem esta nova História e, claro, levando em consideração que nosso próprio trabalho com as crianças é parte dessa mudança da História.

A integração das atividades criativas em todo o processo educativo, o desenvolvimento da capacidade de criação da criança e seu ajustamento emocional e social, estudar os diferentes aspectos desta criatividade e difundir a importância da arte na educação justificada no texto, por ser fundamental ao desenvolvimento da personalidade

do indivíduo, considerada como meio natural de cultura em todas as fases do desenvolvimento humano. (BARBOSA, 2019, p. 129).

Entendo ser a educação uma ferramenta libertadora. Eu acredito na educação. Eu creio que crianças são seres transformadores. Elas podem mudar a realidade do mundo.

Com uma equipe de quatro professoras que atuam na Arte: sendo, no turno da manhã, as professoras Rose, que atua com as idades três e quatro anos, e a professora Licinha, que atua com as idades um, dois e cinco; no turno da tarde, temos as professoras Carolina, que atua com as idades dois e três e eu que atuo com as idades três, quatro e cinco anos.

Vale ressaltar que minha pesquisa é influenciada pelo trabalho das outras professoras por se tratar de um trabalho coeso e realizado por todas nós. Mas, meus registros tanto das aulas, minha escrita e fotografias são das aulas que eu mesma realizei com as crianças, uma vez que meu trabalho de intervenção se deu a partir da observação do desenvolvimento das crianças.

O primeiro passo foi escolhermos as artistas. Tarsila do Amaral, que foi estudada em março e abril pelos dois turnos; Djanira da Motta e Silva, em maio e junho pelo turno da manhã; e no turno da tarde a artista Anita Malfatti; Isabel Mendes da Cunha, em julho e agosto pelo turno da manhã; e Beatriz Milhazes, também em julho e agosto no turno da tarde.

Nossa escolha se deu a partir de pesquisas sobre pintoras do nosso país que, de alguma forma, representassem a força e a luta da mulher na Arte. Mulheres que, mesmo com todo o machismo sofrido, puderam manter suas obras vivas na memória da sociedade. Elas estiveram, em alguns ou diversos momentos, envolvidas em fatos que movimentaram o campo artístico.

Apesar de a seleção das artistas ter sido feita pelas professoras de arte, toda a escola contribuiu para essa escolha. Principalmente a direção e coordenação que também se envolveram no processo desde o início.

Com as artistas escolhidas e com o cronograma de estudos, atividades e intervenções a serem trabalhadas ao longo do ano pronto, demos início a este trabalho lindo e gratificante.

2. O Ensino das Artes Visuais e a Educação Infantil

O Ensino de Artes Visuais nas escolas do Brasil não foi devidamente estimado principalmente pelo fato dessa área de conhecimento ser considerada menos relevante e necessária do que as outras áreas de conhecimento. Não devendo, portanto, ser valorizada para que se pudesse priorizar campos de conhecimentos entendidos como mais importantes.

Dessa maneira, o Ensino de Artes Visuais passou por um longo processo crítico uma vez que não era visto como necessário. Pelo contrário, as Artes Visuais na instituição escolar se resumiam ao auxílio de outras disciplinas, perdendo sua identidade e importância. Esse ensino era diluído em conteúdos de história e matemática, dentre outros. Entretanto, houve uma lenta, mas considerável evolução e percebeu-se que as Artes Visuais são de extrema importância e devem ser desenvolvidas de maneira competente, com foco no estímulo à prática do fazer artístico e na apreciação, independente da classe social das crianças.

Nesse intrincado cenário, finalmente, o Ensino de Artes Visuais passou a ser entendido como importante e necessário para a expansão do país em todos os sentidos, seja cultural, social, econômico. Como indica Barbosa, a Arte é uma linguagem que aguça os sentidos e possibilita diversas significações, além de ser importante veículo de identificação cultural e, até mesmo, de desenvolvimento pessoal.

Para a educadora:

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano. (BARBOSA, 2012, p.4)

Assim, ao se pensar nas Artes Visuais na Educação Infantil, deve-se entendê-las como uma linguagem necessária à criança para sua expressão, comunicação, sentidos, sensações, sentimentos e pensamentos - afinal, esse sujeito faz uso dessa linguagem a todo o momento.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/RCNEI, “a integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos,

estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às Artes Visuais.” (BRASIL, 1998, p.85)

Nesse sentido, as possibilidades de se instigar a imaginação e criação são ampla se desenvolver a apropriação das Artes Visuais, potencializar essas sensibilidades, fazem parte de seus objetivos ao torná-las formas de expressão nas crianças. Portanto, trabalhar com as Artes Visuais na Educação Infantil é um dos passos para cultivar características vitais pertencentes às crianças.

O Ensino das Artes Visuais na educação básica também ajuda os sujeitos envolvidos a descobrirem como é inventar e se reinventar, além de possibilitar o acesso a novos conhecimentos. Assim, esse campo do saber proporciona uma leitura e interpretação do mundo que os rodeia, levando a um constante processo de transformação que, por sua vez, reflete na realidade em que as crianças estão inseridas.

Ao falar em Educação Infantil e Artes Visuais é importante pensar também no papel do profissional que media esses dois universos. É essencial o envolvimento do professor com a prática dos educandos para que estes vivenciem experiências artísticas de qualidade baseada em momentos de criação, interação e aprendizagem. Nesse sentido, o docente deve produzir condições e oferecer tempo para que as crianças possam realizar suas atividades artísticas.

Pois, conforme enfatiza Barbieri:

O papel do professor de artes é observar e escutar as pistas que as crianças deixam ao longo do percurso. Cada criança é um universo potente de expressão, que favorece alguns pontos de partida para o professor criar ações poéticas e momentos de interação. Tais ações, por sua vez, ampliam as ideias e a imaginação das crianças, as encorajam a fazer perguntas, projetos e a buscar sua realização. É importante que o professor crie condições e ofereça tempo para que as crianças possam realizar seus trabalhos. (BARBIERI, 2012, p. 19)

Dessa forma, o trabalho do professor é principalmente criar possibilidades para que as experiências desses sujeitos sejam ricas e múltiplas e não se transformem em algo pronto que nada acrescenta ao universo do educando.

Cabe aqui mencionar a necessidade de que o professor tenha uma formação adequada para realizar este ensino, visto que, trabalhar com Artes

Visuais não deve ser algo que parta somente do livre, ou seja, atividades sem um direcionamento do professor e embasadas somente na espontaneidade dos educandos. O Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, assim como todos os outros conteúdos trabalhados nessa etapa, é importante e deve ser bem direcionado pelo professor, que necessita se atualizar e se aperfeiçoar constantemente.

Ana Mae chama atenção para o desempenho docente quando enfatiza que:

A chamada livre-expressão, praticada por um professor realmente expressionista ainda é uma alternativa (...), mas sabemos que o espontaneísmo apenas não basta, pois o mundo de hoje e a Arte de hoje exigem um leitor informado e um produtor consciente. A falta de preparação de pessoal para entender Arte antes de ensiná-la é um problema crucial, nos levando muitas vezes a confundir improvisação com criatividade. (BARBOSA, p. 15, 2012)

Outro ponto que a autora reforça é a distorção do sentido das aulas de Artes Visuais pois, por muito tempo, essa disciplina esteve vinculada à produção de trabalhos que envolvessem datas comemorativas. Essa dimensão, infelizmente, ainda é frequente nas instituições de Educação Infantil e deve ser mudada uma vez que o papel do Ensino de Artes Visuais não se resume à prática de enfeitar a escola em datas comemorativas. Reiteramos que a função do professor é de destaque para instituir uma metodologia condizente com a proposta atual e não cair em tal contradição, já ultrapassada e esvaziada de sentido.

A necessidade de proporcionar experiências de qualidade para as crianças da Educação Infantil exige que tenhamos um olhar mais aprofundado para esses sujeitos junto à percepção da importância de conceder momentos significativos que permitam que as vivências os tomem e os transformem efetivamente.

As Artes Visuais estimulam os sentidos e despertam significados, conduzindo as crianças a se tornarem seres culturais e sujeitos pensantes, além de inseri-los no mundo em que vivem.

Segundo Barbosa, “Dentre as Artes, as Visuais, tendo a imagem como matéria-prima torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos” (2012, p. 27). Assim, o Ensino de Artes Visuais na Educação

Infantil pode propiciar a estes sujeitos conhecimentos e desdobramentos sociais dos quais, dificilmente, outras linguagens permitiriam.

Portanto, partindo do entendimento que as Artes Visuais estão diretamente vinculadas à Educação Infantil e, para compreender melhor o seu valor nesta etapa, é essencial contextualizá-la como processo da educação básica no Brasil.

2.1. Contexto da Educação Infantil no Brasil

O atendimento às crianças de zero a cinco anos no Brasil foi composto ao longo de sua história por concepções diversas. As instituições que ofereciam o Ensino de Educação Infantil tinham o atendimento voltado, sobretudo, para crianças pertencentes a famílias ou grupos de baixa renda.

Nessa fase, a Educação Infantil esteve vinculada à saúde, higiene, alimentação, amparo aos mais necessitados e até ao acolhimento, caracterizando-se por ter uma visão prioritariamente assistencialista. Apesar de pertencer ao campo da Educação, inicialmente ela não se ateu ao que realmente seria sua proposta, educar. (BRASIL, 1998, p.11)

O investimento por parte do governo era precário, seguiu muito tempo despercebido e visto como pouco relevante. Proporcionar educação para crianças de zero a cinco anos era entendido como um favor oferecido pelo governo e limitado a pequenos grupos. Era também pautado em uma seleção excludente e sem muitos critérios sobre quem seria beneficiado pelo serviço, como consta no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/RCNEI

O uso de creches e de programas pré-escolares como estratégia para combater a pobreza e resolver problemas ligados à sobrevivência das crianças foi, durante muitos anos, justificativa para a existência de atendimentos de baixo custo, com aplicações orçamentárias insuficientes, escassez de recursos materiais; precariedade de instalações; formação insuficiente de seus profissionais e alta proporção de crianças por adulto. (BRASIL, 1998, p. 17)

Com uma prática voltada para o assistencialismo, a Educação Infantil seguiu por longo tempo sem assumir suas devidas especificidades e sem rever suas concepções e fundamentos, sendo efetivada através de métodos que focavam estritamente nos cuidados do corpo.

Entendia-se a criança como um ser dependente, passivo, sem opinião e ideias, de tal maneira que eram impostas práticas rígidas e dependentes da ação do adulto pelo qual ela estivesse sendo cuidada. Assim, as crianças eram obrigadas a aguardar longos momentos de espera para serem acolhidas em suas necessidades.

A questão do afeto, interação, estímulo e, principalmente, da autonomia desses sujeitos era praticamente inexistente, pois o tempo que eles permaneciam nos espaços educativos eram controlados e manipulados rigidamente por adultos sem capacitação adequada para lidar com as crianças, posto que “Os professores não possuíam preparação ou instrução acadêmica para atuar nas instituições educacionais”. (BRASIL, 1998, p.17)

Atualmente existem leis que amparam a Educação Infantil e tornaram legais seus processos educacionais vinculados ao cuidar, educar e brincar. A proposta pedagógica das instituições da Educação Infantil deve ocorrer de forma a respeitar seus sujeitos e atendê-los em suas necessidades com concepções que os respeitem e os valorizem.

Como indica Horn:

Hoje temos um novo ordenamento legal iniciado com a Constituição de 1988 que se desmembra através do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), pela Lei Orgânica da Assistência Social (1993) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996). Como resultado disso, um novo *status* é conferido à criança, garantindo-lhe direitos e tratamento de cidadã. No atual contexto, sem dúvida, a LDB significou um grande avanço nessa área, rompendo com toda normatização até então encontrada no país. (HORN, 2004, p. 13)

O desenvolvimento da Educação Infantil no Brasil aconteceu a partir da implementação desses marcos legais de forma ampla e, juntamente a essa expansão, houve também uma percepção da sociedade em relação ao processo educacional nos primeiros anos da infância.

A conjunção destes fatores ensejou um movimento da sociedade civil e de órgãos governamentais para que o atendimento às crianças de zero a cinco fosse reconhecido na Constituição Federal de 1988. A partir de então, a educação infantil em creches e pré-escolas passou a ser, ao menos do ponto de vista legal, um dever do Estado e um direito da criança (artigo 208, inciso IV). O Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, destaca também o direito da criança a este atendimento. (BRASIL, 1998, p. 11)

A etapa da Educação Infantil consiste em desenvolver integralmente a criança articulando experiências e saberes com conhecimentos diversos e,

para isso, possui documentos que definem o seu papel de forma clara e objetiva. Como a valorização da Educação Infantil ainda está em evolução e em discussão, é normal haver confusão quanto à sua função, aos processos educativos adequados, à sua importância para a sociedade e principalmente para a própria criança.

Entende-se a criança como um sujeito que trás consigo uma bagagem de experiências e vivências e que, através das interações, realiza trocas com seus pares. Quando, portanto, a criança chega à escola, já traz consigo um universo cultural que faz com que sua linguagem tenha singularidade. Dessa forma, as linguagens que ela já experimentou vão constituindo o seu discurso. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/DCNEI definem a criança como um:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e sociedade, produzindo cultura. (DCNEI, 2010, p. 12)

Sob essa perspectiva, a criança é um ser humano único, composto por aspectos emocionais, afetivos, cognitivos e sociais. Dessa maneira, é importante ressaltar que, sendo composta por essa diversidade de características, não se pode fragmentar a criança que é considerada como completa e indivisível.

2.2. A criança e o Ensino das Artes Visuais na Educação Infantil

Ao trazer a Educação Infantil para o âmbito das Artes Visuais, entende-se a criança como um sujeito que se expressa por essa linguagem e também constrói a sua identidade se permitindo sensibilizar, criar, brincar e, principalmente, se manifestar.

Assim, a organização do espaço, do tempo e dos materiais é de extrema importância na Educação Infantil. Vale ressaltar aqui, que não somente para as aulas de Artes Visuais, como também para os outros conteúdos trabalhados na Educação Infantil, exige-se uma mudança, principalmente no planejamento da professora ao considerar a criação como um sujeito e não apenas um objeto em que se dá o ato educativo. Conforme anunciando anteriormente, visto que “Nem sempre a criança teve voz ativa e as propostas de aula eram

organizadas de tal forma que ela não realizasse interferência ou mudança alguma no que fosse planejado”. (HORN, 2004, p. 14)

Porém, esse quadro no qual não havia interação da criança com o programa e execução das aulas se transformou. Atualmente, o planejamento do professor admite mudanças a todo tempo, tornando-se mais flexível e é feito para a criança, pela criança e com a criança, como demonstra Horn:

Não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente. Isso quer dizer que essas vivências, na realidade, estruturam-se em uma rede de relações e expressam-se em papéis que as crianças desempenham em um contexto no qual os móveis, os materiais, os rituais de rotina, a professora e a vida das crianças fora da escola interferem nessas vivências. (HORN, 2004, p. 15)

Ou seja, a criança deve se identificar com os espaços que necessitam de materiais expostos para seu uso de forma que ela não fique dependente do educador para executar as atividades.

Da mesma maneira, no Ensino de Artes Visuais é de extrema importância que os aspectos que envolvem organização do tempo, espaço e materialidade sejam construídos juntamente ao educando. Assim, ele se identificará com a proposta do professor que, conseqüentemente, a realizará de acordo com a necessidade da criança. Principalmente o que se refere ao uso dos materiais artísticos que, para haver uma aula de qualidade, é importante que a criança consiga manipular estes materiais de forma autônoma.

Desse modo, a mediação do professor já deve ser prevista na proposta e não apenas em situações em que haja necessidade de se ter acesso ao que será utilizado. Os espaços reservados para as aulas de Artes Visuais devem estimular a criança a agir reduzindo a interferência do adulto na ação dos educandos, para que as crianças possam construir seu conhecimento e criar sem a imposição por parte do professor quanto ao que será trabalhado.

Assim, o professor deve agir como um mediador entre a criança e o conhecimento. Por isto os espaços para as aulas de Artes Visuais nas instituições de ensino devem ser socialmente construídos, permitindo trocas e o bem-estar das crianças, ao mesmo tempo em que promovam a identidade pessoal, o desenvolvimento de competências, habilidades e a autonomia

destes sujeitos. É importante também que os materiais estejam acessíveis e que o professor os conheça, bem como domine os procedimentos para oferecê-los como ferramentas favoráveis e esteja sempre atento às indagações dos educandos.

Na Educação Infantil existe a possibilidade das crianças realizarem os seus processos de criação. Tal produção possibilita trocas de percepções, ideias, informações e conhecimentos, ou seja, são momentos de experiências compartilhadas. Enfim, o Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil permite que os educandos vivenciem, experimentem, conheçam e manifestem seus desejos, sonhos, compreensões, angústias e incompreensões, como indica Babieri:

Afinal, arte é linguagem e linguagem é o traço diferencial da espécie humana. Torna-se imprescindível que a Educação Infantil seja um espaço de acesso às manifestações artísticas e culturais produzidas pela humanidade. Portanto, somente o trabalho com arte poderá fortalecer e assegurar, por meio das múltiplas linguagens, a autoria e expressão das crianças pequenas, a fim de que elas possam se relacionar com o mundo e compreendê-lo, ampliando assim seus referenciais e potencialidades humanas. (BABIERI, 2012, p. 38)

As crianças são indivíduos extremamente interessados, capazes e desejosos de se manifestarem por meio das Artes Visuais. Percebendo isso ao ministrar as suas aulas, o professor deve estar atento às habilidades e interesses despontados pelos educandos, de forma a conduzi-los a experiências construtivas e proveitosas.

3. A mulher no mundo. A mulher nas Artes Visuais

A mulher teve sua realidade moldada a partir de uma sociedade patriarcal, a partir de um sistema hierárquico no qual os homens sempre estão em uma posição superior às mulheres.

O machismo está impregnado na cultura da sociedade há muitos séculos. Ele está presente em todos os sistemas do mundo: político, religioso, econômico e, principalmente, na instituição familiar. Mulheres a tempos devem submeter-se as regras ditadas por um sistema que destrói, apaga, oprime e as aniquila.

Urgente, pois, tornou-se a construção de um novo tipo de mulher, conscientizada de poder e dever mudar as estruturas imperantes que a marginalizam, sem esperar que o façam os homens. Para isso, indispensável foi sua saída da esfera doméstica e a organização em grupos e comunidades, na luta pelos direitos de cidadania, pela sobrevivência, pela justiça e pela paz, exercendo sua criatividade na construção e amadurecimento da própria identidade. (SOARES, 2006, p. 63).

É perceptível que, ainda hoje, a imagem da mulher esteja vinculada a docilidade, fragilidade, aquela que nasceu para servir, pouco capaz de dar opiniões ou de ter ideais transformadoras, a que nasceu para cuidar do lar, ser mãe. Pensando nisso, posicionar-se criticamente e transformar esse olhar é de extrema importância para a sociedade e, principalmente, para a mulher.

Assim;

A ação da mulher no contexto social contemporâneo é fruto de seu posicionamento arrojado e perseverante, transformador das estruturas arcaicas e das relações inter-pessoais, tensionadora de valores e preconceitos seculares. O trabalho profissional e político de muitas delas volta-se para o redimensionamento do seu lugar e de suas ações nas esferas público e privada, aspirando a uma nova sociedade, onde as relações entre homens e mulheres possam ser cimentadas na solidariedade, na liberdade e no respeito mútuo, isentas de qualquer opressão. Elemento ainda não descartado em todas as formas de relacionamento existentes entre homens e mulheres, quer nas relações de trabalho, quer nas relações afetivas. (SOARES, 2006, p. 64).

É importante que essas informações apareçam na pesquisa para que fique claro que a tentativa aqui é a de mudar essa realidade que já vem se perpetuando a muitos e muitos anos. O machismo não é bom para ninguém. Ele impede a evolução de todas nós. Opor-se a essa dinâmica marcada pela violência é opor-se a seus efeitos sobre todas nós, é criar estratégias que proponham uma diminuição do que já está posto, é lutar por mudanças.

Pensando-se na importância em se trabalhar com artista do sexo feminino, necessita-se entender o processo no qual a mulher passou em seu caminho pela arte.

Inicialmente, quando ela começa a aparecer em obras artísticas, trazia a ideia de uma mulher perfeita, com formas sensuais e delicadas. Em seguida, começa-se a quebrar essa ideia da perfeição da mulher e as obras já passam a mostrarem um aspecto do corpo feminino de diversas maneiras: corpos fragmentados, dilacerados, desmaterializados, ausentes e rompendo com esse padrão de beleza longe da realidade. Então, sob esse novo panorama, a imagem da mulher sofreu transformações, resultantes não só das novas propostas artísticas como também das mudanças sociais que aconteciam..

Foi através do Movimento Feminista, principalmente, que as mulheres conseguiram manifestar-se e desenvolver um novo olhar sobre a arte produzida por elas. Foi esse movimento o responsável por trazer questões para a arte que perduram de formas vitais, sociais e estéticas até hoje.

Só o Movimento Feminista dos anos 1970 operaria mudanças nos conceitos, nos temas e na densidade social da Arte que transformaria as Artes Visuais para homens e mulheres. O movimento Feminista foi muito mais além de uma luta por igualdade de gênero, direitos e visibilidade, atingiu o âmago dos valores, das teorias e das instituições educacionais. A Arte de hoje e as instituições educacionais culturais muito devem ao Movimento Feminista. (BARBOSA, 2019, p. 429).

Através da arte, a mulher pode tomar consciência a respeito de sua participação na história e como reformular o papel cultural que estava sendo refutado pela sociedade.

Em meio a essa nova construção de um outro olhar da imagem da mulher, muitas artistas surgem com a ideia de que seus próprios corpos são meio de expressão para as Artes Visuais. Assim, mulheres artistas assumem a busca pela sua identidade expressando sua própria maneira de ver o mundo e a si mesma.

Quando deixa de assumir o papel de inspiração, de perfeição e passa a se entender como criadora e parte de sua história, a mulher artista marca seu lugar na história da arte.

A mulher aparece segundo idealizações positivas, negativas, neutras ou contraditórias, elaboradas no curso dos tempos, segundo o jogo

de hierarquias, intolerâncias e preconceitos. Pode ser uma figura na qual se decantam criações e recriações artísticas que se sucedem e dialogam entre si, figurações plásticas e literárias, teatrais e cinematográficas. Em todas as sociedades dos tempos modernos, há sempre algo da idealização “romântica” na figura da mulher, como um arquétipo do que se imagina, almeja, circunscreve, localiza, confina, maravilha ou santifica, muitas vezes conforme a imaginação masculina, com a qual também tem sido construída a auto-imagem feminina. (COSTA, 2002, pág. 12).

Vale ressaltar que a arte participa da formação e transformação da sociedade, é uma linguagem em que o ser social cria e recria sua realidade. Em busca de sua emancipação, contra a desigualdade entre o sexo feminino e o sexo masculino, a mulher busca romper o que já está posto, reorganizando-se socialmente nessa sociedade machista, mas que possui “brechas” para que nós, mulheres, tenhamos voz e vez.

Nós, mulheres, temos lutado para nos afirmarmos e exercermos nossos direitos enquanto cidadãs. Nossa atuação nos permite cada vez mais um caminho voltado para a igualdade de possibilidades entre homens e mulheres, imprescindível para a equidade nas relações entre homens e mulheres.

4. Relatando nossos estudos

4.1. Meses de março e abril: Tarsila do Amaral

Iniciamos o mês de março com as artistas brasileiras. Fizemos uma introdução de quais artistas uma vez que nós temos muitas artistas brasileiras, mulheres fortes que fizeram e fazem parte da história da arte. Não só pintoras como também escultoras, grafiteiras, desenhistas, fotógrafas.

Começamos mostrando algumas imagens de mulheres que foram importantes para a história da arte, não nos prendendo à popularidade da artista e, sim, à sua importância devido ao fato dessas artistas serem parte do processo histórico da arte e da mulher que ganhava, mesmo que pouco, algum espaço na sociedade a partir de lutas em que elas estavam envolvidas também no âmbito da arte.

Começamos com a primeira artista escolhida: Tarsila do Amaral. Sua escolha partiu do fato de que os dois turnos da escola, manhã e tarde, tiveram interesse em trabalhar com essa artista. Quando conversamos com as crianças sobre quais artistas plásticas elas conheciam, algumas, de ambos os turnos, citaram a Tarsila, tendo-a assim como referência de ser uma mulher artista e de fazer parte da história da arte.

Percebemos que tivemos uma quantidade significativa de crianças que tinham Tarsila como referência e, assim, os dois turnos optaram por ela. Portanto, foi ela o nosso ponto em comum nos estudos. As outras duas artistas que estudamos nos meses seguintes foram diferentes, ficando a cargo de cada turno escolher quais seriam, levando em consideração, principalmente, o interesse das crianças e que deveriam ser mulheres envolvidas na luta pela condição da mulher.

Outra importante observação é que, mesmo sendo artistas diferentes, pudemos acompanhar o trabalho realizado no outro turno - o turno da manhã pode acompanhar o trabalho do turno da tarde e o turno da tarde pode acompanhar o trabalho do turno da manhã - através de murais, atividades e outros expedientes utilizados para fazer esta ponte entre os turnos. Mantivemos uma comunicação para que os turnos pudessem fazer algumas trocas e tomar conhecimento dos estudos que estavam sendo realizados.

Focando as atividades realizadas no turno da tarde, faz-se necessário falar sobre as mesmas de forma a tornar possível se compreender como elas foram realizadas.

Março e Abril: Tarsila do Amaral – Atividades desenvolvidas ao longo do mês.

Nosso primeiro contato com essa artista, levando-se em consideração que as crianças já a conheciam: fizemos uma pesquisa sobre a vida da mesma e descobrimos que ela era uma pintora, nascida em São Paulo, seus pais eram produtores de café, o que proporcionou a Tarsila uma boa condição financeira. Também descobrimos que ela foi uma figura central no movimento modernista no Brasil, teve obras expostas em todo o mundo, morou fora do nosso país e estudou em Paris.

Saber sobre isso despertou enorme curiosidade nas crianças, que queriam falar sobre outros países. Mesmo não tendo a compreensão da distância que estamos de alguns países, as crianças tiveram longos diálogos sobre parentes que foram para outros países mas, na verdade, era outro estado do nosso país ou até mesmo outro município do nosso estado.

Foi bem divertido tentarmos entender, juntos, o que é uma cidade, um estado e um país. Conversamos também sobre o fato de, mesmo ela tendo ido para fora do país, ela é brasileira e investiu em sua arte aqui no nosso país. Entramos também em um assunto importante relacionado à artista, que seria o fato de ela ter sido casada com Oswald de Andrade, um escritor também brasileiro e que fez diferença na história de vida da artista. Ele foi a inspiração para o movimento antropofágico, que seria uma manifestação artística brasileira da década de 1920, da qual ambos fizeram parte. Sendo reconhecida mundialmente, nossa artista possui várias obras que já eram do conhecimento das crianças e de outras tantas que ainda não eram e despertaram grande curiosidade.

Uma obra que as crianças citaram foi a “Operários” que eles já haviam visto pois, no ano passado, estudamos sobre um artista que realizou uma releitura desta obra. Devido a isto, em uma das imagens de nosso mural de pesquisas sobre ela, colocamos uma releitura das crianças sobre essa obra.

Figura 1: Releitura da obra "Operários" da artista Tarsila do Amaral



Fonte: Acervo da turma

A partir daqui, darei uma explicação de qual atividade realizamos. A descrição das atividades foi a partir de uma observação da turma de cinco anos. A turma da Latinha é composta por 25 crianças. Sendo as crianças mais velhas da escola, foi possível perceber o desenvolvimento delas. Por esse motivo, fiz a escolha de acompanhar essa turma.

A primeira atividade que realizamos foi mostrando o rosto da artista. Nesse momento, como o foco era a imagem do rosto, fizemos uma produção de completar a imagem. Cada criança recebeu metade do rosto da artista e, com lápis de escrever, puderam completá-la. Cabe aqui dizer que a imagem escolhida já era uma obra. Sendo um autorretrato, iniciamos não só com a figura de um rosto, como também com uma obra de arte. Para as crianças foi uma atividade relativamente fácil, mesmo parecendo ser complexa para eles.

Após essa atividade, começamos a fazer um estudo sobre as obras.

A primeira obra estudada foi o "Vendedor de Frutas". Fizemos uma leitura do livro "Tarsila e o papagaio Juvenal". Um livro infantil de Mércia Maria Leitão e Neide Duarte. As crianças puderam também recontar a história do livro, o que proporcionou a elas um conhecimento da obra de forma lúdica. A partir dessa leitura, fizemos uma atividade que demos o nome de "Representando as cores e os elementos da Natureza Tropical e da cultura do povo brasileiro" em que

as crianças puderam, de forma livre, utilizar materiais como tinta, lantejoulas e miçangas, dentre outros.

A cultura do nosso país aparece muito nas obras de Tarsila e, por isso, fez-se de grande importância essa atividade. Na segunda atividade relacionada a mesma obra, as crianças puderam criar seu papagaio Juvenal. Como ele despertou grande interesse nas crianças, optamos por fazer essa atividade onde utilizamos materiais como penas, canetinhas, e papéis para colagem, dentre outros.

Para cada obra, realizamos três atividades e a terceira das atividades foi feito uso de material impresso em que uma obra se encontra reproduzida.

Cabe aqui reforçar que sou contra atividades prontas como, por exemplo, o uso do Xerox para as crianças por não permitir criação por parte delas. Porém, meu objetivo na terceira atividade foi que as crianças vissem e dessem cores, cada uma utilizando sua criatividade, não ficando presas às cores que compõem a obra real. Para tanto, utilizei, dessa forma, reproduções das figuras a serem coloridas pelas crianças.

Apesar de ser algo que sou contra, deu o resultado esperado: as crianças reconheceram a obra. Claro que não foi a única forma que eles tiveram de visualizá-la. Eles também puderam ver a obra impressa no computador e na televisão. Esses foram os meios que utilizei em todas as terceiras atividades de todas as obras trabalhadas ao longo do projeto. Portanto, não retomarei essa explicação daqui para frente.

Outra forma de trabalho que esteve sempre presente na terceira atividade foi a escolha de quais materiais utilizar: cola colorida, lápis de cor, giz de cera, dentre outros. Por se tratarem de crianças tão pequenas, escolhíamos sempre duas opções, pois para crianças pequenas é mais fácil escolher entre duas do que entre mais opções. Também, como tínhamos uma rotina a seguir, não podíamos ficar tanto tempo escolhendo o material, uma vez que com duas opções já levávamos até quinze minutos. Isto poderia comprometer o tempo que as crianças teriam para realizar a atividade considerando que, entre as duas atividades, seria necessário escolher o material e pintar a obra. O momento de pintar a obra é ligeiramente mais relevante do que a escolha do material. Digo ligeiramente pois, a escolha do material que será utilizado é de extrema importância, uma vez que ele reflete no trabalho que as crianças desenvolvem.

A terceira atividade de cada obra ficou sempre nomeada como "Recriando a obra". Inicialmente, achei um bom título para a mesma. Na segunda vez que o utilizei, que foi na segunda obra estudada, tive um estranhamento com esse nome.

Isso acontece devido ao meu conflito relacionado ao uso de fotocópias. Como esse incômodo não causou um problema no trabalho desenvolvido com as crianças, eu mantive a mesma estratégia para seguir uma organização do material que estávamos desenvolvendo. Entendi ser mais relevante, nesse momento, a organização das atividades do que meu estranhamento, ao pensar que as crianças não estavam recriando a obra e, sim, fazendo uma intervenção na mesma.

Retomando a terceira atividade da obra "Vendedor de Frutas", a opção de material escolhida pelas crianças foi a cola colorida. Como foi a primeira vez que nos organizávamos por votação de material, levou mais tempo do que o planejado e, como já citado anteriormente, isso causou um impacto no tempo destinado a atividade. Foi possível realizá-la, mas de uma forma um pouco conturbada.

Figura 2: Releitura da obra "A Cuca" da artista Tarsila do Amaral



Fonte: Acervo da turma

Foi um momento de muita alegria entre as crianças, uma vez que a obra mexeu com o imaginário delas. Elas queriam realizar diversas atividades como teatro, vestir fantasias de bichos para brincarmos como se estivéssemos em uma floresta e, como temos uma quantidade significativa de fantasias na

escola, foi possível realizarmos, de forma lúdica, essa brincadeira na floresta da Cuca.

A partir desse momento, as crianças criaram uma afinidade enorme com essa obra. Devido a isso, resolvemos fazer mascotes dos animais que aparecem na obra.

Figura 3: Confeccionando mascotes



Fonte: Acervo da turma

Figura 4: Mascote Tucano



Fonte: Acervo da turma

Figura 5: Mascote Cuca



Fonte: Acervo da turma

Figura 6: Mascote Sapo



Fonte: Acervo da turma

Figura 7: Mascote Lagarta



Fonte: Acervo da turma

Uma vez que os mascotes apareceram no texto vou, então, explicar sobre eles. Sou professora de artes de três turmas: uma de três anos – Turma do Curumim, uma de quatro anos – Turma do Mundinho e uma de cinco anos – Turma da Latinha. A turma de três anos recebeu o sapo, a turma de quatro anos a Cuca e a turma de cinco anos, por ser um grupo com 25 crianças, ficou com a lagarta e com o tucano.

A atividade a ser realizada com a mascote era a seguinte: cada criança teve a oportunidade de ficar um final de semana com o mascote. Eles teriam que levá-lo a um local cultural de preferência da criança e da família. O registro foi feito por fotografia e também por uma escrita detalhada do que aconteceu no passeio, se a criança gostou de levar a mascote para um local cultural, dentre outros. As crianças voltavam sempre com muitas novidades e felizes por conhecerem um espaço novo.

Foram poucas as crianças que não foram levadas em locais culturais, como museu ou centro cultural. Isso não teve um impacto negativo na atividade, pois outros momentos como estar em família, realizar a atividade com todos e cuidar da mascote foram alcançadas.

Retomando as atividades da obra, o primeiro registro foi a atividade “Brincando com a obra” em que as crianças, a partir de um desenho da cuca realizado por eles, puderam pintá-la e fizeram no fundo da atividade uma floresta utilizando giz de cera. A segunda, como as crianças estavam muito envolvidas com os outros animais presentes na obra, resolvemos fazer uma atividade que tivesse conexão com a amizade, que a cuca tem amigos que estão na floresta com ela, então, demos o nome dessa atividade de “Conhecendo os amigos da Cuca”.

Elas puderam criar desenhos desses animais, pintá-los e realizamos na mesma atividade uma técnica chamada *frottage* que consiste em utilizar algo que tem um relevo, uma textura, colocar embaixo da folha de papel e passar giz por cima. Utilizamos giz pastel, que é um material que proporciona cores mais vivas quando usado em papel branco. Foi utilizada também uma técnica de esponjado, que é bater uma esponja com tinta no papel. Este foi o fundo da atividade, representando a floresta onde a cuca e seus amigos ficam.

Vale ressaltar que não há registro algum sobre se ter uma amizade entre esses animais ou de a própria artista falar sobre isso. As crianças conduziram a atividade dessa forma, pois elas têm essa prática de juntar a realidade com o imaginário, algo característico delas. Dessa forma, elas refletem sobre suas próprias maneiras de agirem com o outro e consigo mesmas.

Na terceira atividade, “Recriando a obra”, foi utilizado o lápis de cor.

A terceira obra estudada foi o “Abaporu”. Essa obra causou uma boa impressão nas crianças que se divertiram com a imagem! Eles ficaram impressionados com o “pezão” dele e até apelidaram a obra de “Pezão”.

A primeira atividade da obra foi chamada de “Eu sou o Abaporu”. Realizamos um painel com alguns elementos presentes na obra como o sol, o cactus e a montanha e as crianças assumiram o papel de serem o Abaporu da obra. Colocávamos um desenho de pé, um pé grande nas crianças e, individualmente, elas se posicionavam no painel para tirarmos fotos.

Figura 8: Obra "Abaporu" da artista Tarsila do Amaral



Fonte: Acervo da turma

A maioria das crianças da turma da Latinha tentou se posicionar como o Abaporu. Por ser um momento de criação, em que as crianças tinham que pensar em como se posicionar, escolher qual pé usar (tínhamos quatro opções de pés feitos em papel colorido: marrom, preto, branco e alaranjado), foi uma atividade que levamos um bom tempo para fazer.

À segunda atividade demos o nome de “Abaporu tem um pezão. E eu também!”. Foi um registro do pé da criança. Nós pintamos o pé com tinta guache de acordo com a escolha da criança e carimbamos o papel.

Figura 9: Registro da atividade “Abaporu tem um pezão. Eu também!”



Fonte:Acervo da turma

A terceira atividade chamada “Recriando a obra” as crianças utilizaram giz de cera.

Para passarmos para a próxima artista, fizemos uma atividade na escola. Realizamos um teatro inspirado no livro “Tarsila e o papagaio Juvenal”. Foi um teatro divertido realizado pelas professoras da Arte. No turno da tarde, fomos eu e a professora Carol.

Figura 10: Teatro "Papagaio Juvenal"



Fonte:Acervo da turma

Após o teatro, realizamos um piquenique com diversas frutas como melancia, banana, laranja e maçã. O objetivo era de proporcionar às crianças um momento de apreciação de alimentos saudáveis, de se envolverem com a obra, onde aparecem diversas frutas, de conversarem sobre elementos da obra e principalmente: apreciarem uma obra realizada por nossa artista estudada.

Figura 11: Piquenique após teatro "Papagaio Juvenal"



Fonte: Acervo da turma

Esses momentos são extremamente importantes, pois entram em algo que é um dos meus grandes objetivos: reforçar, positivamente, a imagem da mulher na arte.

4.2 Meses de maio e junho: Anita Malfatti

Ao iniciarmos nossos estudos sobre Anita, realizei um levantamento se as crianças já a conheciam. Apesar de a mesma ter sido citada quando iniciamos o trabalho com Tarsila, as crianças não demonstraram saber algo sobre ela. Então, percebi que, para elas tudo seria uma grande novidade! Fomos, assim, conhecer um pouco de sua história e descobrimos que ela foi uma grande pintora brasileira que está presente na primeira fase do modernismo.

Nascida em São Paulo, Anita Malfatti foi professora aos 19 anos de idade, estudou sobre pintura e desenho na Europa, morou um tempo em Nova Iorque e foi lá que ela aprofundou, ainda mais, seus conhecimentos sobre pintura.

Por volta de 1917, a artista reuniu 53 de suas obras que possuíam uma forte tendência expressionista e as expôs em sua cidade natal. Essa exposição foi bem marcante uma vez que o escritor Monteiro Lobato foi visitar a exposição e fez uma crítica muito pesada a Anita.

Foi a partir dessa crítica que a artista ganhou grande visibilidade. Essa crítica foi rebatida por Oswald de Andrade, também escritor, que já estava envolvido na semana de Arte Moderna que acontecia em São Paulo.

A Semana de Arte Moderna foi um importante marco na História do nosso país. Tanto para a Arte quanto para mulheres artistas.

A conquista da igualdade começou no Brasil com a modernista Semana de Arte de 1922. Eles comungavam ideias anticolonialistas, embora acomodadoras, mas que permitiram refletir sobre a igualdade

de gênero, raça e códigos culturais. A partir de tais ideias, foi possível reconhecer duas mulheres como as artistas mais importantes do modernismo brasileiro: Tarsila do Amaral e Anita Malfatti. (BARBOSA, 2019. p. 74).

A Semana da Arte Moderna reuniu inúmeros artistas de diversas áreas como a música, dança e artes visuais, dentre outras. Com o objetivo de

transformar a Arte do nosso país, tinha um cunho extremamente nacionalista. Em meio a isso, uma arte vigorosa surge ganhando força, fazendo com que o Modernismo venha trazendo mudanças na sociedade brasileira.

O Modernismo foi um movimento de grande importância no Brasil, resultado do amadurecimento do campo artístico do país, cujos artistas, menos dependentes das iniciativas governamentais, se mostram mais preocupados com suas próprias propostas sociais e estéticas. A pintura por eles criada expressa a busca por uma identidade nacional que inclui a visão crítica da vida das camadas mais baixas da população, com seus costumes, valores e dificuldades. Essa pintura social abriu um espaço sem precedentes na arte, mas, ao contrário das românticas cenas de costumes do passado, escolheu o Realismo como o estilo predominante. (COSTA, 2002, p. 136).

Mais tarde, Anita ganha uma bolsa de estudos, retorna à França e pode estudar com mais profundidade e sobre arte. Ao retornar ao Brasil, ao lado de Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia formam o “Grupo dos Cinco” que foi um grupo que se propunha a defender a arte moderna.

Passando para a primeira atividade realizada e relacionada a artista, chamada “Quebra-cabeça de Anita”, pegamos a imagem do rosto de Anita feita por ela mesma, ou seja, um autorretrato. As crianças utilizaram lápis de cor na imagem e, logo em seguida, a cortamos em quatro, fazendo-a virar um quebra-cabeça.

Ao entrarmos nas obras, a primeira escolhida foi “Paisagem de Santo Amaro”. Cabe aqui dizer que as crianças da EMEI Henfil no turno da tarde têm uma característica comum, a grande maioria delas possuem um forte envolvimento com a natureza. Apesar de termos um jardim pequeno na escola, a questão do que vem da terra é de muita importância para essas crianças. Acredito que uma das grandes influenciadoras disso lá seja eu, uma vez que as turmas que acompanho estão comigo desde a sua entrada na escola, ou seja, desde o primeiro ano dessas crianças na escola, e sempre fizemos trabalhos ligados a plantas e animais, como o cuidado com os insetos que apareciam na escola, de não os matarmos, conversando sobre como todos os seres vivos têm direito à vida.

A turma de cinco anos já vem passando por esse processo desde muito pequenos, então, ao verem a obra “Paisagem de Santo Amaro” que é repleta de natureza, eles ficaram encantados com a mesma.

A primeira atividade realizada sobre a obra foi chamada de “Inspirando-nos na natureza da obra”.

Nela, coletamos na escola folhas, flores, terra, sementes que a natureza já havia dispensado, sempre conversamos sobre a importância em não arrancarmos plantas e flores das árvores.

As crianças também trouxeram de casa uma quantidade de folhas e flores e cada uma pode criar a natureza da sua atividade. As crianças sempre demonstram grande alegria ao estarem em contato com terra e plantas, foi uma atividade bem prazerosa para todos.

Figura 12>Registro da atividade "Inspirando-nos na natureza da obra"



Fonte:Acervo da turma

A segunda atividade chamada “*Frottage* com folha de árvore” foi uma *frottage* com folhas secas. Apesar de as crianças já terem tido algumas experiências com essa técnica, foi a primeira vez para a grande maioria e com esse material. Foi uma experiência significativa para elas. Utilizamos também o giz pastel para realizar a técnica.

Figura 13: Registro da atividade “Frottage com folha de árvore”



Fonte: Acervo da Turma

A terceira atividade sobre a obra chamada “Recriando a obra” foi realizada com tinta guache.

Figura 14: Registro da atividade “Recriando a obra”



Fonte: Acervo da turma

A segunda obra estudada foi “Samba”. Essa obra trouxe uma leveza para a escola. Envolvendo várias linguagens como a escrita da palavra SAMBA, a música, a dança e a obra de arte que representa um grupo de pessoas dançando. Devido, principalmente, às suas múltiplas possibilidades, tivemos toda uma entrega das crianças. Elas queriam saber tudo sobre o samba!

Utilizando-se novamente de elementos da cultura do nosso país, escolhemos a música “Aquarela do Brasil” para ouvirmos e dançarmos antes de realizarmos nossa primeira atividade da obra. Na voz da cantora Gal Costa, tivemos vários momentos descontraídos em sala. Buscamos entender a letra, o contexto em que ela foi feita, falamos sobre a Gal Costa, que também é uma

artista brasileira, mas vinculada a outra expressão artística, no caso, a música, e sobre como a voz dela é bonita.

Passando para a primeira atividade da primeira obra chamada “Aquarela do Brasil. Meu Brasil, brasileiro”, pegamos o mapa do nosso país e as crianças o pintaram com tinta guache. Utilizamos as cores da bandeira - verde, amarelo e azul - para que elas compreendessem ainda mais sobre o Brasil.

Figura 15: Registro da atividade "Aquarela do Brasil. Meu Brasil, brasileiro"



Fonte: Acervo da turma

Nesse momento, conversamos muito sobre o que é um mapa, para que serve, o que ele representa. A segunda atividade chamada “Meu pandeiro” foi a confecção de um pandeiro com material reciclável. Nesse momento, as crianças puderam pintar e fazer colagens de materiais diversos em seus pandeiros.

Figura 16: Registro da atividade "Meu pandeiro"



Fonte: Acervo da turma

Na terceira atividade, “Recriando a obra”, as crianças optaram pelo lápis de cor.

A terceira obra estudada foi “A boba”. Fizemos a escolha por essa obra porque Anita tem inúmeras pinturas de mulheres e, nesse momento, pautamos a imagem da mulher, como a artista pinta outras mulheres e qual a importância dessas obras, conversamos sobre o nome da obra e qual sentimento ele traz quando somos chamados de bobos, o que as crianças pensam em relação a isso, se é um xingamento mas, que em alguns momentos, pode ser falado de uma maneira engraçada e não ofensiva.

As crianças concluíram que a palavra “boba” traz mais um sentimento ruim do que bom e optaram por não usá-la em momento algum entre eles e nem com seus familiares. Passando para a expressão facial, conversamos sobre como a expressão faz o outro perceber algum sentimento que temos no momento, o que sentimos ao ver a expressão do outro, entre tantas outras conversas. Realizamos diversas rodas de conversa em sala antes de passarmos para a primeira atividade da obra.

Essa primeira atividade foi chamada de “Trabalhando as expressões faciais” em que cada criança pode explorar várias delas como alegria, felicidade, amor, raiva, tristeza, e realizarmos o registro desse momento por

fotografia. Essa atividade demandou um tempo maior, pois foi realizada individualmente.

Figura 17: Registro da atividade "Trabalhando as expressões faciais"



Fonte: Acervo da turma

A segunda atividade foi nomeada de “Representação da mulher na obra”. Conversamos sobre o que é o nosso corpo, qual a estrutura dele, que somos todos diferentes e que cada um tem que cuidar de si, respeitar a si mesmo e ao outro.

Cada criança recebeu um círculo e elas fizeram o desenho do rosto, colaram cabelo de lã, confeccionaram o corpo de papel de revista. Cada uma criou a sua imagem da maneira que melhor atendesse a si mesma.

Figura 18: Construindo as bonecas da atividade "Representação da mulher na obra"



Fonte: Acervo da turma

Na terceira atividade denominada “Recriando a obra”, eles optaram novamente pelo lápis de cor.

Para passarmos para a terceira e última artista trabalhada nesse projeto, fizemos uma atividade na escola. Realizamos uma roda de samba com o professor de música que temos na escola, o Marcinho, um professor contratado.

Nós utilizamos nossos chocalhos feitos com materiais recicláveis e organizamos um momento coletivo com todo o turno da tarde. No dia anterior a roda de samba, enviamos um bilhete para as famílias informando que realizaríamos esta atividade na escola. Quem quisesse e pudesse, poderia ir com outras roupas sem ser o uniforme. As crianças foram com chapéu e até levaram instrumentos de percussão. Nosso professor cantou alguns sambas somente cantados por mulheres e, para finalizar nossa roda, ele cantou “Aquarela do Brasil” por ser uma música que estávamos trabalhando.

Figura 19: Roda de samba da obra "Samba" da artista Anita Malfatti



Fonte: Acervo da turma

4.3. Mês de julho e primeira semana de agosto: Beatriz Milhazes

A artista Beatriz Milhazes foi estudada em um tempo mais curto, pois em julho temos o recesso e retornamos apenas em agosto. Mesmo assim, começamos nossos estudos sobre a artista. Ela realiza uma arte completamente diferente das outras artistas e, de imediato, as crianças perceberam isso.

As obras dela são voltadas para um trabalho mais abstrato. Repletas de colagens, recortes, pinturas e materiais diversos, suas obras são bem coloridas e despertou a atenção de todas.

Iniciamos nossas conversas sobre o percurso de vida dela. Como nenhuma criança demonstrou saber algo sobre a artista, realizamos uma pesquisa mais aprofundada sobre ela e, ao descobrirmos que ela ainda é viva,

as crianças ficaram eufóricas! As crianças queriam conhecê-la, irem à casa dela, tirar foto e mandar e-mail para que ela respondesse. Foi uma alegria! Essa reação das crianças me gerou certa emoção, pois enquanto artista eu fico muito feliz quando as crianças querem saber sobre minhas ilustrações, sobre minha vida. Vê-los tão curiosos sobre nossa artista foi gratificante.

Beatriz Milhazes é um dos nomes de destaque na arte contemporânea em nosso país. E, como já citado, a cor é um dos elementos importantes em suas obras. Utilizando muitas formas geométricas, a maioria de seus trabalhos são realizados em plásticos que funcionam como uma espécie de adesivo, podendo ser aplicados nas mais diversas superfícies.

Passamos então para a atividade “Reconhecendo Beatriz Milhazes” sobre o rosto dela e, como suas obras possuem várias colagens, realizamos colagens de flores, folhas e arabescos que foram feitos com cortadores da escola.

Figura 20: Registro da atividade "Reconhecendo Beatriz Milhazes"



Fonte: Acervo da turma

A primeira obra “Viagem ao centro da Terra” também conectada à natureza, proporcionou uma alegria para as crianças, assim como na obra “Paisagem de Santo Amaro da artista Anita Malfatti”. Como na descrição dessa obra Beatriz fala sobre o uso de tecidos e outros materiais, optamos por nossa primeira atividade ser com tecidos.

Chamada “Utilizando tecidos para representar as ideias da artista”, as crianças fizeram uma colagem livre com tecidos diversos.

Figura 21: Registro da atividade "Utilizando tecidos para representar as ideias da artista"



Fonte: Acervo da turma

A segunda atividade “Utilizando tinta de terra e tinta guache: pensando sobre as cores da natureza” as crianças puderam experimentar e produzir uma tinta com terra e cola. Essa experiência foi um momento de muita concentração das crianças que queriam experimentar todas as terras disponíveis e criar diversos tipos de tintas.

Figura 22: Registro da atividade "Utilizando tinta de terra e tinta guache: pensando sobre as cores da natureza"



Fonte: Acervo da turma

A terceira obra “Recriando a obra” foi feita com cola colorida e colagem de papéis e tecidos.

4.4. Preparação de Materiais para o Vernissage

Agosto, da segunda semana até final do mês, e o dia 26, foram dias destinados à preparação do nosso *Vernissage* que foi intitulado “Artistas Brasileiras” e aconteceu no dia 27/09/2019.

Os primeiros materiais que preparamos para o evento foram as telas.

Figura 23: Experimentando materiais diversos



Fonte: Acervo da turma

Figura 24: Experimentando materiais diversos



Fonte: Acervo da turma

Para melhor organizar a atividade, dividi as crianças da seguinte forma: a turma de três anos, turma do Curumim, ficou com a artista Beatriz Milhazes, pois suas obras são no geral abstratas e para eles é mais possível criar a partir de uma arte abstrata. A turma de quatro anos, turma do Mundinho, ficou com a Tarsila do Amaral, pois percebi, ao longo de nossas atividades nesses meses, que eles tiveram mais facilidade com as obras dela do que da Anita Malfatti.

A turma de cinco anos ficou, portanto, com a artista Anita Malfatti que possui obras mais complexas. As crianças de todas as turmas que trabalho utilizaram telas tamanho 29x21 cm e tinta guache de cores variadas. Todas as

telas foram finalizadas com a seguinte identificação: Nome do artista (nome da criança), tela inspirada na obra (nome da obra da artista referência) e o nome da artista referência.

A turma do Curumim utilizou diversos materiais de pintura como: escova de dentes, bucha, pincel, trincha, colher e palito, dentre outros. Após as telas estarem secas, as crianças puderam realizar colagens de flores feitas com papéis variados.

A turma do Mundinho e turma da Latinha realizaram pinturas das obras das artistas referência inspirando-se em uma de suas obras. E cada criança pode, a sua maneira, realizar seu desenho a partir da observação que fez da obra. Cabe aqui dizer que, apesar de as crianças terem uma obra de referência, essa atividade não foi uma releitura uma vez que a arte final da criança não manteve o que tem na obra. Como as duas artistas possuem inúmeras obras, não houve repetição delas, ou seja, cada criança teve uma obra para inspirar-se.

Nesses dois meses, realizamos diversas atividades coletivas. Confeccionamos as artes dos murais a partir de desenhos das crianças, pintamos as caixas em que ficaram as telas para exposição, confeccionamos objetos dos mais variados para ficarem expostos nas salas, ensaiamos as apresentações que tivemos no dia do vernissage, dentre tantas outras coisas. Por serem meses próximos ao evento, fiquei imensamente atarefada e isso impactou diretamente na escrita dessa monografia.

4.5. Mês de setembro – Vernissage: Artistas Brasileiras

Nosso calendário da escola já é organizado para realizarmos, em setembro, uma festa que envolve o tema estudado na arte. Nesse ano, essa festa foi realizada em 27/09/2019, em uma sexta-feira, das 18h às 22h. Dividimos o horário entre os dois turnos, pois nossa escola é pequena e gostaríamos que as crianças, nossos pequenos artistas e seus familiares ficassem confortáveis e pudessem participar de tudo.

Com diversas atividades e um delicioso coquetel, recebemos nossas famílias e crianças, que são nossos artistas.

Figura 25: Coquetel oferecido no Vernissage 2019 - Artistas Brasileiras



Fonte: Acervo da turma

Em seguida, tivemos uma apresentação da mãe de uma criança da escola. Tathiana é cantora e nos presenteou cantando “Mulher Brasileira”. A partir daí, iniciamos as oficinas de chocalho que envolviam a obra “O samba”, de Anita Malfatti, e as famílias e crianças puderam apreciar os trabalhos desenvolvidos ao longo dos meses de estudo desse projeto.

Figura 26: Galeria de exposição "Tarsila do Amaral"



Fonte: Acervo da turma

Figura 27: Galeria de exposição "Anita Malfatti"



Fonte: Acervo da turma

Cada criança teve a oportunidade de ser artista. Todos criaram sua própria tela a partir das obras das artistas estudadas.

Figura 28: Galeria de exposição "Anita Malfatti"



Fonte: Acervo da turma

Figura 29: Galeria de exposição "Tarsila do Amaral"



Fonte: Acervo da turma

Vale ressaltar que o turno da manhã estudou sobre as artistas Djanira da Motta e Silva e Isabel Mendes da Cunha. A abordagem das professoras do turno da manhã esteve sempre voltada também para a valorização da mulher na arte.

Em seguida, tivemos uma apresentação das crianças envolvendo elementos do nosso país como a cultura regional.

Para finalizar nosso Vernissage, as crianças cantaram e dançaram ao som da música “Maria, Maria”, nos emocionando e nos mostrando a importância da mulher.

As famílias demonstraram grande alegria em relação a *Vernissage* e, ao enviarmos uma avaliação do evento, em que as famílias poderiam expressar suas opiniões, foi gratificante saber que crianças e familiares se envolveram e gostaram desse momento - em anexo seguem algumas dessas avaliações.

4.3 Mais do projeto “Artistas Brasileiras”

Nosso projeto alcançou proporções que não imaginávamos. No dia do nosso Vernissage, fomos premiadas com uma “Honra ao Mérito Pedagógico”, o que reforça o quanto é importante realizarmos estudos como esse nas escolas de Educação Infantil.

Figura 30: Recebendo nossa premiação “Honra ao Mérito Pedagógico”



Fonte: Acervo pessoal

As telas das crianças foram levadas, em outubro, para serem expostas na Câmara Municipal de Belo Horizonte e na Secretaria Municipal de Educação – SMED. As famílias ficaram muito agradecidas em verem os trabalhos de seus filhos expostos nestes locais.



Figura 31: Exposição "Artistas Brasileiras" na Câmara Municipal de Belo Horizonte

Fonte: Acervo pessoal

Figura 32: Exposição "Artistas Brasileiras" na Câmara Municipal de Belo Horizonte



Fonte: Acervo pessoal

Termos um projeto como esse reconhecido pela rede municipal nos motivou a continuar estudando mais e mais e a trazer temas para nossas crianças que reforçam o positivo, o que temos de bom na arte e o quanto ela é de todos e para todos.

5. Considerações Finais

O ensino em Artes Visuais na Educação Infantil proporciona inúmeras possibilidades. Ao uni-lo a práticas de pesquisa que envolvam mulheres artistas, consegue-se não só ensinar-se sobre arte, como também a admirar produções feitas por mulheres.

O Projeto “Artistas Brasileiras”, desenvolvido ao longo do ano de 2019, foi de extrema importância para o nosso despertar enquanto escola. Com ele, conseguimos ver a necessidade de colocarmos em evidência a nós mulheres, dando oportunidade de, não só as crianças como também seus responsáveis, valorizarem, pesquisarem, compreenderem e apreciarem criações artísticas de mulheres que fizeram e fazem parte da história através de uma educação libertadora e propulsora do ensino da arte.

Juntos, colaboramos para a transformação permanente dos percursos de aprendizagem de nossas crianças e dos adultos envolvidos nesse processo. Construimos uma nova identidade da nossa escola, do grupo de professoras e funcionárias e, principalmente, dos nossos educandos. Propiciar à todos as mesmas oportunidades de admirarem produções de mulheres e proporcionar-lhes admirarem estas e outras mulheres, é possibilitar que eles enxerguem a importância não só do quanto pode-se admirar a história de vida dessas mulheres que pesquisamos e suas produções artísticas como também da necessidade em se respeitar e se ter uma atitude empática com todas nós, mulheres.

As mulheres brasileiras, especialmente nas últimas décadas, têm lutado com coragem e denodo no sentido de afirmação da sua cidadania. Essa atuação, onde quer que ocorra, possibilitará uma caminhada na direção da igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, com respeito à dimensão de gênero, fundamental para o equilíbrio do planeta. (SOARES, 2006, p.67).

E assim, lutamos pela mudança do ensino de arte ofertado em nossa escola. Lutamos pela mudança da história da arte. Lutamos pela visibilidade da produção artística de alta qualidade de outras mulheres. Lutamos por nós, mulheres.

6. Referências

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC/SEF, 1996.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1988.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Projetos Pedagógicos na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. *Mulheres Não devem ficar em silêncio*. São Paulo: CORTEZ, 2019.
- COSTA, Cristina. *A Imagem da Mulher. Um Estudo de Arte Brasileira*. Rio de Janeiro: SENAC, 2002.
- GILIOLI, Renato de Sousa. *Representações do Negro no Modernismo Brasileiro: Artes Plásticas e Música*. São Paulo: Best Book, 2009.
- HOLM, Anna Marie. *Baby-Art. Os primeiros passos com a Arte*. São Paulo: Museu de Arte Moderna MAM de São Paulo, 2007.
- HORN, Maria das Graças Souza. *Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- HÚMER, Neuza Silveira. *Anita Malfatti: Vida e Obra*. Minas Gerais, Cedec.
- INTERLENGHI, Luiza. *Beatriz Milhazes: Um itinerário Gráfico*. Rio de Janeiro: SESC, 2012.
- LEMOS, Aline. *Artistas Brasileiras*. Belo Horizonte: Miguilim, 2018.
- RUGGERI, Maria Carolina Duprat. *Beatriz Milhazes: Grandes Pintores Brasileiros*. São Paulo: Folha de São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2013.
- STABILE, Rosa Maria. *A expressão artística na pré-escola*. São Paulo: FTD, 1998.158p.

7. Anexos

(Avaliação das Famílias sobre o Vernissage 2019 “Artistas Brasileiras”)

O evento de forma geral foi simplesmente ÓTIMO!

O tema abordado foi de grande valia e incentivador, pois mostrou o quanto as "mulheres" são capazes e ativas.

As apresentações das crianças, foram lindas e encantadoras, as salas de aula estavam perfeitas!

Enfim, a escola Henfil está de **PARABÉNS!** Obrigada por cada detalhe e gesto incentivador para nossas crianças!

Sobre a Verisagem!?

Excelente trabalho, desenvolvido pela escola. Fiquei maravilhada com as apresentações, com os estantes de cada artista, ~~mostrando~~ mostrado de uma forma genial pelas crianças.

No mundo em que vivemos que a tecnologia e a internet toma conta. Ter esse incentivo de cultura para as crianças tão cedo é muito bom. Mostra que as mesmas podem evoluir e crescer sem deixar de lembrar suas origens, ideais, culturas. Sinto orgulho do meu filho fazer parte dessa escola, com valores sempre voltados ao respeito com todo.

Parabéns P.E. Municipal Venfil!
Elm. Almeida

Espero que no próximo ano
seja merecido quando
for este de parabenizar a
escola.

Alfredo Arantes
(mãe) de Luiza

turma de
Gatinha

Ficamos muito felizes com a escolha do tema! Vivemos em um tempo onde as mulheres, apesar das conquistas, ainda enfrentam grandes preconceitos e não são valorizadas, sem falar da violência.

Exaltar nossos grandes nomes como Tarsila do Amaral, Djamua - e Beatriz Milhazes fez nosso coração se encher de orgulho e esperança de ter nosso pequeno Bento em uma escola que acredita e segue firme diante do poder transformador que a arte e a cultura podem fazer na vida dessa nova geração.

Foi lindo! Parabéns a toda equipe e em especial as professoras de artes.

Professora Carol, gratidão!

Família do Bento

Sai do evento encantada. Queria
ter dado um abraço em cada
uma de vocês por tanta dedicação.
Parabéns a todas, foi maravilhoso!

Gostaria de parabenizar à Direção,
Tice e Coordenação geral e de todos pela
iniciativa e estímulo para que
fossemos tomadas de carinho e
dedicação por este evento. Eu que
cheguei recentemente, entendi a
proposta e busquei colaborar como
pude. Achei belíssimo o evento. Falos
claras, textos contextualizados, horários
cumpridos e os olhares dos visitantes
bilhoveom.

Parabéns para Jane, Carol, Rose e
Linda. Muito sensatas, delicadas e
unidas com as crianças expressaram
nas obras as belezas dos grandes artistas.

Fiquei feliz em ser homenageada,
estar na equipe que recebeu as honras
e saber que os trabalhos
serão expostos externamente.

Agradeço a oportunidade de vivenciar,
prender, me divertir, rir e chorar
em esta equipe Henfil.

01/10/2019.